

NOS 50 ANOS DA MORTE (1985)

Conto fantástico inédito

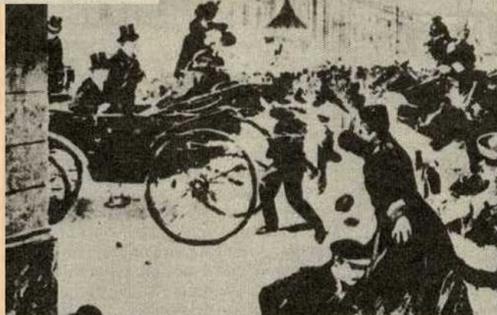
A Porta

O primeiro dos dois inéditos de Pessoa nas páginas do «JL»: «A Porta», conto fantástico assinado pelo heterónimo Alexander Search, recolhido e traduzido do inglês por Maria Leonor Machado de Sousa.

(...) Ora o castelo tinha muitos corredores, e num deles, que não tinha coisa alguma que o distinguisse, que era absolutamente igual aos outros, havia uma porta que também não era diferente das outras portas — era exactamente como elas, e como todas as portas do edifício, que não era pequeno. A sala a que pertencia esta porta era tão indiferente como a própria porta. A única ideia que quero incutir no leitor é a indiferença absoluta do corredor, da sala e da porta; quero que ele conheça o facto de que nenhuma coisa de natureza particular ou histórica fazia a porta horrível ou misteriosa. Por isso, mais terrível é a história que tenho para contar.

Passei os anos da minha infância e da minha primeira juventude no Castelo. A minha imaginação tinha pouco de histórico; neste sentido, pouco me interessava pelo edifício; como artista, tenho uma certa admiração por algumas das suas partes, mas o efeito do Castelo sobre a minha imaginação era relativamente pequeno, muito mais pequeno do que se poderia esperar. Excepto num ponto — um único — que passareis a saber. Não sou o que se chama perverso; o meu carácter, devo acrescentar, tem mesmo pouco de uma natureza impulsiva e de natureza primitiva. Tenho a frieza do homem culto unida [espaço em branco] à sensibilidade da alma artística. Portanto, não vejo razão para o que vou contar.

Disse que fui educado no velho Castelo, que fiquei lá até à primeira juventude. Assim foi, e a primeira recordação que tenho da infância é de mim próprio dando pontapés na porta de que falei, dando-lhe impulsivamente um pontapé com o meu pé direito.



JORNAL DE
LETRAS
26/11/1985

Ensaio político inédito

O regicídio português e a situação política em Portugal

Este texto é a tradução, por Ana Cristina Assunção, de um documento autógrafa inédito de Fernando Pessoa, assinado com o heterónimo de Alexander Search, redigido em inglês e existente na Divisão de Reservados da Biblioteca Nacional com a cota E3-79A(71-82). O documento é constituído por 22 folhas com as dimensões de 16,3cm x 21cm, escritas a tinta de um só lado, estando as folhas 5-6, 9 linhas da folha 7, 1 linha da folha 17, as folhas 18-20 e ainda 17 linhas da folha 21, riscadas a lápis em diagonal. Embora não levante grandes problemas de leitura, existem algumas passagens do texto que é quase impossível ler, impondo-se por isso a realização de uma edição interpretativa adequada do documento. O trabalho de Ana Cristina Assunção consistiu na fixação do texto em inglês, e posteriormente na respectiva tradução para português. Uma vez que não se trata de uma edição diplomática, a tradutora não dá conta das palavras e passagens do texto riscadas pelo autor, excepto no caso que é referenciado na nota (3); todos os acidentes significativos do texto são indicados em nota.

Questão 1

Que política a de Fernando Pessoa?

Joel Serrão

Interrogam-me: que política a de Fernando Pessoa?

Aquilo que, em poucas palavras, se pode responder, consiste, segundo me parece, nos seguintes pontos de referência.

1) Pelo menos, aos 37 anos de idade, Pessoa identifica-se com D. Sebastião regressado ao seu perdido Reino (1). Com efeito, depois de «demonstrar» que a «Segunda Vinda» de D. Sebastião teria ocorrido em 1888 (a primeira ter-se-ia dado em 1640), o poeta deixa à sagacidade ou atenção do leitor o cuidado de recordar que, nesse mesmo ano, nascera ele próprio.

Logo, não se afigura destituído de sentido o admitir-se que, para além de todos os heterónimos em que, desde sempre, se foi desdobrando, Pessoa, pelo menos, a partir dos seus primeiros escritos públicos (1912), afeiçoara o mais complexo de todos eles — o do «Super-Camões», ao qual estaria reservado pelo Destino a tarefa de ser o poeta do Quinto Império. Um Quinto Império português, claro está.

JORNAL DE LETRAS
26/11/1985

Questão 2

Pessoa, na “situação” ou na “oposição”?

Alfredo Margarido

A leitura das opções políticas de Fernando Pessoa depende, hoje mais do que ontem, do confronto entre a «situação» e a «oposição». Semelhante confronto deformou e deforma a leitura política, porque o seu maniqueísmo condena hoje ao inferno a «situação» de ontem, tal como acontecera à «oposição». Suponho que seria tempo de os historiadores renunciarem à teologia para se limitarem a fazer o seu ofício.

Fernando Pessoa nunca apareceu nas hostes da «oposição» anteriormente aos anos 1950. Até aí Fernando Pessoa fora apenas um poeta genial, tal como a presença o constituiria, sendo todavia esta apresentação fortemente contrariada pela carga profético-messiânica da Mensagem. Situação que pede um estudo consagrado à lenta mudança da imagem política de Fernando Pessoa, que sofreu o impacto «positivo» dos poemas ditos anti-salazaristas.

JORNAL DE LETRAS
26/11/1985